



41

vivência

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

EDUERN
Editora da UFRN

Vivência: Revista de Antropologia

É a revista do Departamento de antropologia – DAN e da Pós-graduação em antropologia social – PPGAS.

A revista tem registro nos seguintes indexadores internacionais:

Sociological/Abstracts

Social Services Abstracts

World Political/Science Abstracts

Linguistics and Language Behavior Abstracts

Endereço para correspondência:

Vivência: Revista de antropologia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Departamento de Antropologia – DAN

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS

(1º andar salas 903, 912 e 919)

Campus Universitário – Lagoa Nova

59.072-970

Natal-RN

Tel: 84 3342.2240

E-mail: vivenciareant@yahoo.com.br

Site da revista: <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/>

Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Setorial do CCHLA

Divisão de Serviços Técnicos

Vivência: revista de antropologia. UFRN/DAN/PPGAS v. I., n.41 (jan./jun. de 2013)-, Natal: UFRN. 2013.

Semestral.

Descrição baseada em: n.41, 2013.

Este número em parceria com a EdUFRN

Nº 41 | ISSN 0104-3064 | 2013

1-Antropologia – periódico.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Reitor(a): Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitor(a): Maria de Fátima Freire Melo Ximenes

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Diretor: Herculano Ricardo Campos

Vice-Diretor (a): Maria das Graças Soares Rodrigues

Departamento de antropologia – DAN

Chefe: Lisabete Coradini

Vice-Chefe: Rozeli Maria Porto

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS

Coordenador(a): Elisete Schwade

Vice-coordenador(a): Julie Antoinette Cavnignac

Revista Online

Editora Gerente: Francisca de Souza Miller

Editora: Lisabete Coradini

Revista Impressa:

Editoras:

Francisca de Souza Miller

Lisabete Coradini

Assistente Editorial:

Shirley Aline Cordeiro Pinheiro de Araújo

Lydes Teles Souza do Amaral

Vivência: Revista de Antropologia ISSN: 0104 3064 (versão impressa):

<http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/>

Vivência: Revista de Antropologia ISSN: 2238 6009 (versão online):

<http://periodicos.ufrn.br/index.php/vivencia>

Comissão Editorial:

Carlos Guilherme Octaviano do Valle (UFRN)

Edmundo Marcelo Mendes Pereira (UFRN)

Eliane Tania Martins de Freitas (UFRN)

Elisete Schwade (UFRN)

Francisca de Souza Miller (UFRN)

Julie Antoinette Cavnignac (UFRN)

Juliana Gonçalves Melo (UFRN)

Lisabete Coradini (UFRN)

Luiz Carvalho Assunção (UFRN)

Rita de Cássia Maria Neves (UFRN)

Rozeli Maria Porto (UFRN)

Conselho Editorial:

Angela de Souza Torresan (Universidade de Manchester/Inglaterra)

Antonio Carlos Diegues (USP)

Carmen Sílvia Rial (UFSC)

César González Ochoa (UNAM, México)

Cornélia Eckert (UFRGS)

Clarice Ehlers Peixoto (UERJ)

Gabriela Martins Àvila (UFPE)
Gloria Ciria Valdéz Gardea (Sonora, México)
Ilka Boaventura Leite (UFSC)
José Guilherme C. Magnani (USP)
Luiz Fernando Dias Duarte (MN)
Manuela Carneiro da Cunha (Universidade de Chicago/USA)
Miriam Pillar Grossi (UFSC)
Rafael Perez Taylor (UNAM, México)
Rinaldo Sérgio Vieira Arruda (PUC)
Roberta Bivar Campos (UFPE)
Tom O. Miller (UFRN)

Normalização:

Editoria da Vivência: Revista de Antropologia

Revisão de texto

Helton Rubiano

Projeto gráfico/Editoração eletrônica:

Janilson Torres

Pareceria:

Editora Universitária da UFRN – EDUFRN
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Tiragem:

300 exemplares

007 **APRESENTAÇÃO**

PRESENTATION

011 **DOSSIÊ**

“BIOIDENTIDADES, BIOSOCIALIDADES E ESPAÇOS SOCIAIS”

013 **Biodefinitiones y políticas de vida en el mundo social de VIH-SIDA**

Biodefinitions and politics of life in HIV-AIDS social world

Juan José Gregoric

027 **Doença, ativismo biossocial e cidadania terapêutica:
a emergência da mobilização de pessoas com HTLV no Brasil**

Illness, biosocial activism and therapeutic citizenship:

the emergence of the mobilization of People with HTLV in Brazil

Carlos Guilherme Octaviano do Valle

049 **Relatos de endomulheres na rede:
bioidentidade, agência e sofrimento social**

Reports from endowomen on web:

bioidentity, agency and social suffering

Gabriela Garcia Sevilla

065 **Instituições corporificadas: as diferentes experiências
de duas pacientes com transtornos alimentares**

Embodied institutions: the different experiences of

two patients with eating disorders

Marisol Marini

085 **“Normal, normal mesmo, é só deus”: sobre possibilidades e
contradições da identidade de “pessoa com deficiência intelectual”**

*“Normal, actually normal, only god is”: reflections on the possibilities and
contradictions in the identity of “person with intellectual disability”*

Pedro Lopes

099 **Biossocialidades e o valor terapêutico da ayahuasca
per se em dois centros da alta amazônia peruana**

Biosocialities and of the therapeutic value of ayahuasca

per se at two healing centers on the peruvian amazon

Ana Gretel Echazú Böschemeier

113 **ARTIGOS**

115 **Nem parte, nem todo: refletindo sobre os conceitos de “sociedade”
e “indivíduo” através das obras de Roy Wagner e Marilyn Strathern.**

*Neither part nor the whole: thinking on the concepts of “society” and “individual”
through the Roy Wagner’s and Marilyn Strathern’s works.*

Ana Paula Casagrande Cichowicz

Rafael de Medeiros Knabben

- 125 **“Quem te colocou de castigo aí?”:**
etnografia numa sala de hemodiálise
"Who has punished you there?":
ethnography in a hemodialysis room
Tatiane Vieira Barros
-
- 137 **A ninfa e o jaguar:**
corpos e dominação no vale do amanhecer
The ninfa and the jaguar:
bodies and domination in the valley of the dawn
Amurabi Oliveira
-
- 153 **Umbanda: a problemática questão de suas origens,**
o arranjo de sua cosmovisão
Umbanda: a matter of problem its origins,
the arrangement of your worldview
Érica Ferreira da Cunha Jorge
-
- 165 **O póscolonialismo e a literatura inglesa**
Postcolonialism and the english literature
Daise Lilian Fonseca Dias
-
- 183 **Moda feminina: o dilema de Kroeber**
Women's Fashions: Kroeber's dilemma
Tom O. Miller, Jr.

Este dossiê especial da *Vivência, Revista de Antropologia da UFRN*, reúne seis trabalhos que foram apresentados durante a 28ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), organizada em julho de 2012 na PUC, em São Paulo. Com o tema geral “Desafios Antropológicos Contemporâneos”, o congresso foi composto por atividades tais como conferências, mesas redondas e grupos de trabalho (GTs). Os coordenadores deste dossiê encabeçaram dois grupos de trabalho distintos, mas com questões e problemáticas que dialogam e convergem em termos dos temas, objetos e contextos pesquisados. O GT 34, “Etnografias de biodefinições”, foi coordenado por Soraya Fleischer (UnB) e Ednalva Maciel Neves (UFPB), enquanto o GT 47, “Identidades, biossocialidades e espaços sociais”, foi coordenado por Carlos Guilherme Octaviano do Valle (UFRN) e Horacio Sívori (Instituto de Medicina Social/UERJ).

Nos dois GTs, reconhecia-se a particularidade do contexto histórico que vem se produzindo contemporaneamente em termos das questões societárias e culturais que envolvem corpo, saúde e doença, embora elementos de continuidade e ruptura possam coincidir com processos desenrolados a partir dos últimos 30 anos do século XX e a primeira década do século XXI. Em conversas que tivemos durante a 28ª RBA e posteriormente, ficou evidente que havia um conjunto de eixos e questões fulcrais que cruzavam a proposta dos dois GTs e ainda mostravam-se através dos trabalhos que foram selecionados para apresentação. De modo geral, podemos salientar que esperávamos uma discussão de trabalhos e pesquisas antropológicas que tomassem os processos e formas de construção e/ou formação de identidades/subjetividades, de coletivos e socialidades específicas em termos das corporeidades, da saúde e da doença, entendidas como condições, marcadores e referências centrais, tanto para os mundos sociais estudados como para a construção da análise social e da prática etnográfica. Nesse caso, entendíamos que um campo amplo de pesquisas podia trazer tanto questões sociais e culturais a respeito das relações entre corpo, saúde e doença, como questões transversais associadas, por exemplo, a etnicidade, ao gênero e a sexualidade.

Outro aspecto central para os dois GTs era a compreensão e contextualização apurada, portanto etnográfica, dos espaços sociais, formas institucionais e organizações que evidenciassem as questões e problemas privilegiados: corpo, saúde e doença. Assim, os espaços clínicos, hospitalares, postos de saúde, ambulatorios, centros de atenção psicossocial (CAPS e CAPS-AD – álcool e drogas), Organizações Não Governamentais (ONGs), associações de pacientes, grupos de ajuda mútua e comunidades terapêuticas seriam lócus fundamentais para se entender as complexidades relacionais e processuais em jogo, envolvendo doentes, familiares, profissionais de saúde, especialistas, pesquisadores, agentes governamentais e ativistas.

Desse modo, reconhecendo tanto os eixos centrais de abordagem e os contextos de pesquisa que estariam sendo privilegiados, o que norteava os dois GTs era a importância dada à emergência de biossocialidades e à formação de bioidentidades ou biodefinições ou categorias identitárias de caráter clínico. Estamos considerando, então, as implicações teóricas da discussão que foi realizada pioneiramente por Paul Rabinow, que cunhou, em seu texto *Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade*, a categoria analítica de caráter heurístico: biossocialidade¹. Segundo Rabinow, o sentido da ideia de biossocialidade era o de entender fenômenos e efeitos que derivavam do avanço cada vez mais destacado da “nova genética” e das novas biotecnologias para os mundos sociais contemporâneos. De algum modo, essa abordagem tornava a relação entre cultura e biologia problemática e menos antagônica, suscitando, ao contrário, passagens, limites borrados e permeabilidades múltiplas. Para Rabinow, portanto:

Há um grande número de questões envolvidas, mas o que quero realçar aqui é que seguramente haverá a formação de novas identidades e práticas individuais e grupais, surgidas

destas novas verdades. Haverá grupos portadores de neurofibromatose que irão se encontrar para partilhar suas experiências, fazer lobby em torno de questões ligadas a suas doenças, educar seus filhos, refazer seus ambientes familiares etc. É isto que entendo por biossociabilidade. [...] Esses grupos terão especialistas médicos, laboratórios, histórias, tradições e uma forte intervenção dos agentes protetores para ajudá-los a experimentar, partilhar, intervir e “entender” seu destino (RABINOW, 1999, p. 147).

Ao ser tomada pela perspectiva etnográfica, a biossociabilidade põe luz sobre as configurações contemporâneas do humano e de suas formas de vida a partir da importância que as tecnologias biomédicas e a biologia assumem no cotidiano. Aprecia, dessa forma, as múltiplas (e híbridas, se possível) expressões da vida social, implicadas pela “produção de verdades”, pelas “estratégias de intervenção” e pelos “modos de subjetivação”, formalizando diferentes modalidades do *biopoder*² enquanto processos que manifestam o contínuo intercâmbio entre esferas da vida e a relevância da “biologia” como valor encompassador para os sentidos e significados de “bem-estar” social e pessoal.

A discussão seminal de Rabinow sobre biossociabilidade foi sendo ampliada e complementada por inúmeros autores das Ciências Sociais, nas mais diversas tradições acadêmicas nacionais. Muitos desses autores estão citados nos textos deste dossiê e ajudam a dar aporte teórico para os trabalhos apresentados aqui. Estes assinalam igualmente trajetórias e caminhos de pesquisa e discussão teórica que vêm sendo realizados no Brasil, em especial a partir do início do século XXI, embora tenham antecedentes com outras pesquisas da Antropologia da Saúde e da Doença, desenvolvidas há mais tempo em nosso contexto nacional.

Vale acrescentar que a preocupação teórica sobre biossociabilidade foi sendo ainda mais adensada quando as pesquisas empíricas passaram a ver os aspectos e inflexões societárias, intersubjetivas e relacionais em termos da construção de bioidentidades, ou seja, categorias identitárias que têm como base a biologia ou a biomedicina e suas práticas clínico-terapêuticas bem como as entidades e instituições voltadas à relevância do corpo, da saúde e da doença na vida das pessoas e seus mundos sociais, o que não deixa de incluir aqui a internet como lócus e tecnologia mediadora desses processos.

Os artigos incluídos neste dossiê têm como foco exatamente a questão assinalada anteriormente: a emergência de novas identidades sociais e de biossociabilidades a partir de espaços sociais e institucionais. Os artigos discutem, tomando pesquisas concretas em grau avançado de trabalho, as implicações, disputas e negociações que tais arranjos sociais e instituições engendram ou como estes acabam sendo afetados em razão de processos identitários e de reconhecimento cujas implicações ressoam na vida social, na circulação de significados culturais e ainda na dimensão das políticas públicas.

Como os leitores irão notar, os trabalhos têm sintonia e remetem a questões comuns, apontando para problemáticas que seriam transversais e complementares, mesmo se conduzidas em contextos sociais distintos. Há muitos elementos em comum, que podemos já antecipar. Os textos de Juan José Gregoric (ICA/Universidad de Buenos Aires) e Carlos Guilherme do Valle (UFRN) abordam processos e contextos sociais muito próximos, embora inseridos em espaços nacionais distintos: Argentina e Brasil, respectivamente. Eles lidam com a criação de mundos sociais, biossociabilidades e identidades em termos de ativismos específicos, como são o de HIV/AIDS e o da emergência do bioativismo HTLV no Brasil. Aqui, a politização da doença e os modos de mobilização coletiva acabam sendo destacados na análise.

Os textos de Gabriela Sevilla (UFRGS) e de Marisol Marini (USP) mostram o impacto da produção de categorias médicas e bioidentidades em termos das trajetórias

de mulheres, o que mostra como o gênero pode ser considerado central nas pesquisas sobre biossocialidades. O texto de Pedro Lopes (USP) apresenta trajetórias de vida de jovens paulistas, marcadas pela categoria de “deficiência intelectual” e pela sua ressignificação face à de “autonomia”, embalada pelas narrativas de si e persistência de estereótipos.

Os trabalhos de Sevilha, Marisol e Lopes mostram, junto dos artigos de Gregoric e Valle, como se torna importante entender as trajetórias e projetos que são engendrados e agenciados por pessoas que podem se tornar lideranças e mediadores centrais dos mundos que habitam e convivem. A internet seria um desses mundos sociais através dos quais as pessoas convivem, relacionam-se, trocam experiências e transmitem conhecimentos e saberes especializados.

Finalmente, o artigo de Ana Gretel Echazú Böschemeier (UnB) evidencia, em um contexto nacional específico, o do Peru, que essas trajetórias, trocas e circulações podem envolver especialistas e profissionais, que mediam e/ou intervêm diretamente em processos terapêuticos. Categorias biossociais definidas através desses processos, como a de “dependente químico”, passam a modular significados próprios, no caso, aos usuários de substâncias psicoativas. Tal como nos demais trabalhos, a autora explicita claramente a importância dos espaços sociais e institucionais que engendram e ajudam a entender os processos sociais que vêm sendo analisados através de pesquisas etnográficas. Além disso, remete à relação encadeada de saberes autorizados e tradições de conhecimento distintas, mas complementares, a biomédica e as terapêuticas tradicionais.

Gostaríamos de agradecer aos debatedores que participaram do GT 34, Pedro Nascimento e Daniela R. Knauth, que leram e comentaram versões ulteriores dos artigos de Böschemeier, Gregoric e Lopes. Em último lugar, esperamos que este dossiê estimule o interesse dos leitores, alunos e pesquisadores da *Vivência*. Quem sabe esse estímulo possa gerar ou motivar novas pesquisas sobre as temáticas e contextos aqui apresentados.

Coordenadores dos GTs e organizadores do dossiê:

Carlos Guilherme Octaviano do Valle (UFRN)
cgvalle@gmail.com

Ednalva Maciel Neves (UFPB)
ednmneves@gmail.com

Horacio Sívori (IMS/UERJ)
hfsivori@gmail.com

Soraya Fleischer (UnB)
soraya_fleischer@yahoo.com.br

¹ Ver: RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão: ensaios de Paul Rabinow*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. Preferimos respeitar o sentido original do termo em inglês "biosociality", traduzindo em português como biossocialidade. No livro publicado em português, aqui citado, os editores preferiram usar o termo biossociabilidade.

² A esse respeito ver: RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, Ano XXVI, n. 24, abril de 2006.

dossiê

“Bioidentidades,
biossocialidades e
espaços sociais”

